

ALMAS
a CAMINHO *da*
REDENÇÃO



Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 9 9983-2575 ☎ | Claro (19) 9 9317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

WANDA A. CANUTTI
pelo espírito EÇA DE QUEIRÓS

ALMAS
a CAMINHO *da*
REDENÇÃO

Capivari-SP | 2019

© 2003 Wanda A. Canutti

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª impressão da 2ª edição - maio/2019 -
de 12.501 a 17.000 exemplares

CAPA | André Stenico
ILUSTRAÇÃO | DR Perillo
DIAGRAMAÇÃO | vbenatti
REVISÃO | Editora EME

Ficha catalográfica

Queirós, Eça de, (Espírito)

Almas a caminho da redenção / pelo espírito Eça de Queirós;
[psicografado por] Wanda A. Canutti - 2ª ed. maio 2019 -
Capivari, SP: Editora EME.

216 pág.

1ª ed. dez. 2003

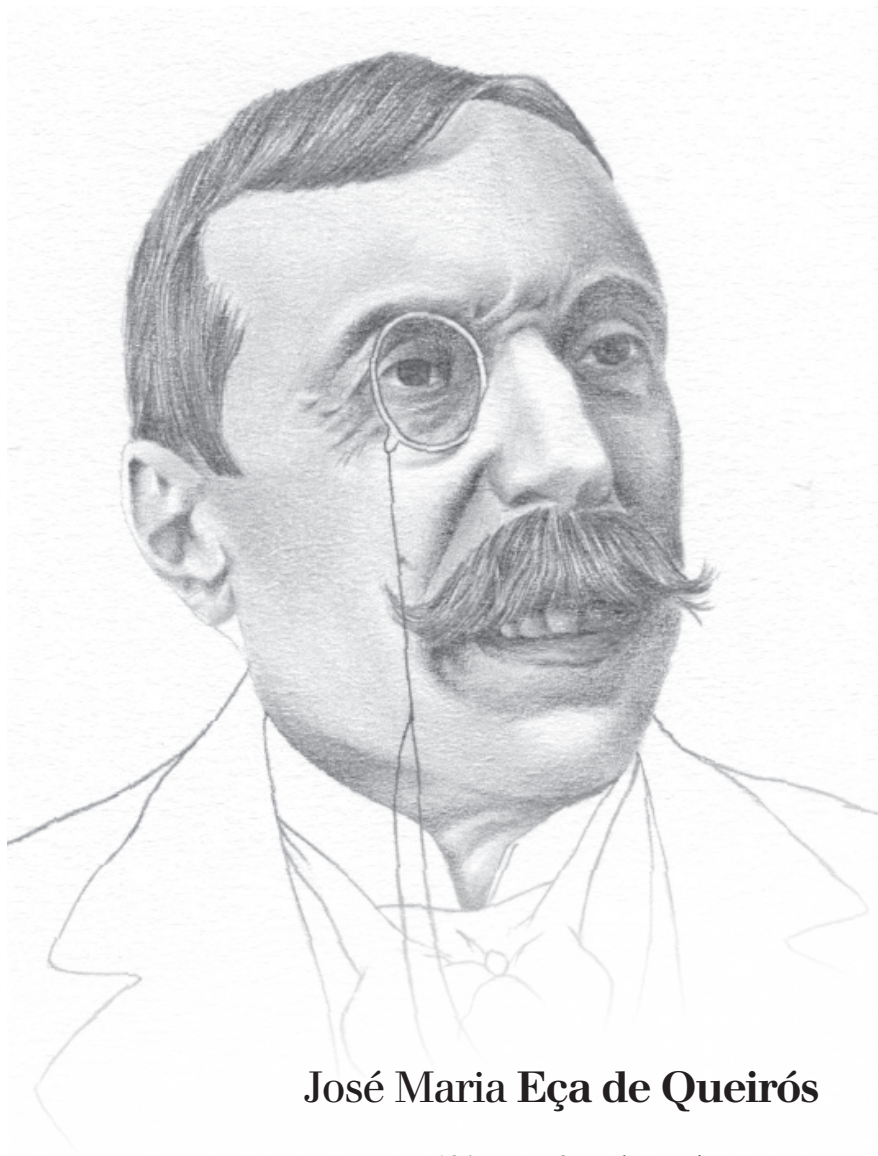
ISBN 978-85-7353-282-3

1. Espiritismo. 2. Psicografia. 3. Romance mediúnico.
4. Influência espiritual no dia a dia. I. TÍTULO

CDD 133.9

SUMÁRIO

Palavras do autor.....	7
1. O velho avô.....	9
2. A herança.....	15
3. Susto.....	23
4. Investigações.....	29
5. Providências.....	37
6. Pânico.....	47
7. Auxílio.....	53
8. Interesse.....	63
9. O outro lado.....	71
10. Em demanda.....	81
11. Desespero.....	89
12. Confissão.....	97
13. Problemas sérios.....	105
14. À procura de soluções.....	115
15. Imprevisto.....	129
16. Agravamento do problema.....	137
17. Aviso.....	145
18. Em ação.....	151
19. Justificativas.....	159
20. Continuando.....	165
21. Estratégia.....	171
22. Uma festa diferente.....	177
23. No caminho certo.....	183
24. Revolta.....	189
25. Transformação.....	195
26. Redenção.....	201
27. Em busca de orientação.....	209



José Maria Eça de Queirós

Nasceu, em 1845, em Póvoa do Varzim, Portugal e desencarnou em Paris, no ano de 1900. Formou-se em Direito, pela Universidade de Coimbra, dedicando-se inicialmente ao jornalismo e depois à literatura.

PALAVRAS DO AUTOR

CADA VEZ QUE um livro se completa, contendo exemplos de vida, mais elevo meu agradecimento ao Pai, por oportunidade tão redentora que me concede.

Todos somos almas necessitadas, procurando a própria redenção. Temos passado infeliz que precisamos ressarcir, e essa oportunidade que se me oferece traz-me o mesmo ensejo, pois também quero estar redimido de minhas faltas passadas e das oportunidades perdidas. Por isso, não desejo transmitir apenas exemplos através das personagens, mas coloco-me também entre elas, em busca de um caminho que me leve mais rapidamente ao Criador.

Erros, nesta Terra, todos nós os praticamos. No entanto, aqueles que aqui se encontram vivendo as ilusões terrenas, esquecidos da eternidade do espírito e desejando aproveitar o máximo das oportunidades que o momento lhes propicia, mesmo derrubando e ferindo os que encontram pelos caminhos, não sabem os compromissos que assumem, se persistirem nessa caminhada.

Mas, abençoados são quando se esforçam e aceitam um novo rumo que lhes é mostrado para tirá-los do mal e começam a trabalhar a própria redenção. Abençoados são aqueles que, revoltados e intransigentes no perdão dos erros alheios, também são tocados no coração e estendem-lhes a mão, retirando-os da senda tortuosa das ilusões passageiras. Abençoados são todos os que procuram

a própria elevação, auxiliando a redenção das almas que foram determinadas por Deus para caminharem em sua direção.

Não é do acusar, do preterir, do não perdoar, que essas almas serão reconduzidas ao caminho reto da paz interior e da correção de atitudes, mas empregando muito carinho e compreensão, sem, contudo, fazermos nenhuma apologia ao erro nem aos que o praticam, para não estimulá-los a prosseguir. Temos obrigação de ajudá-los através do amor que nos irmana, como filhos de um mesmo Pai, vivendo num mesmo orbe cheio de quimeras e atrativos fugazes, reconhecendo que também somos falíveis.

Sejamos, pois, compreensivos, demonstremos o nosso entendimento reencaminhando os que erram, ajudando a reerguê-los e a seguirem conosco a senda da regeneração, sobretudo quando, arrependidos, suplicam novas oportunidades. Só assim estaremos cumprindo aqui a missão que Deus nos outorgou, vendo a cada um como irmão, dispensando-lhes ternura, porque somos todos caminhadores, em busca da própria redenção.

Eça de Queirós
Araraquara, 26 de julho de 1993

1

O VELHO AVÔ

ERA MADRUGADA. O frio enregelava os corpos, pela intensidade, mas, dentro daquela mansão onde muitos recursos havia para cada estação, os moradores dormiam muito bem agasalhados, sob grossos cobertores, como se a rigidez hibernal ali não chegasse.

Tudo estava sereno, o sono envolvia a todos.

A família que nela residia era grande. O velho avô não consentiu em que seu filho mais velho, ao se casar, deixasse a casa. O conforto e as posses eram suficientes para continuarem juntos. Sua companheira já havia partido e ele sentia-se só, apesar de possuir diversos filhos. Alguns estudavam fora e uma das filhas já havia se casado. O mais velho, porém, era o filho com o qual mais se identificava, que o ajudava nos negócios, e juntos permaneceram.

Isso se passara há muitos anos! Hoje estava velho, vinte anos haviam decorrido. Os netos começaram a chegar e a casa novamente estava cheia, ocupando o lugar dos filhos que não quiseram ou não puderam ali morar. A nora, bondosa, compreendia alguma rabugice própria da sua idade.

Idalina era o seu nome. Tivera cinco filhos, agora todos jovens, três rapazes e duas moças. Todos estavam estudando e movimentando a mansão, não só com suas presenças, mas também com as dos seus amigos. Pareciam estar sempre em festa. Alegres, conversavam muito, e a música sempre enchia o ar com seus acordes.

Era uma família feliz! O marido de Idalina, Paulo, comandava os negócios do pai, com o qual aprendera, e tinham uma vida calma, com todo o conforto que o dinheiro pode proporcionar.

O velho avô, como o chamavam, era muito respeitado, embora os netos, no afa da mocidade, nem sempre lhe davam as atenções que ele gostaria de receber. Não tinha mais pressa e o tempo sobrava-lhe o dia todo. Para os jovens, porém, escoava rapidamente e era insuficiente para todas as atividades que um físico jovem requer, ainda mais quando o dinheiro não lhes traz nenhuma dificuldade nem impedimento. Todavia, gostavam do avô e quando passavam por ele, se não paravam para longas conversas, como era de seu desejo, tinham uma palavra de atenção ou uma brincadeira que o deixava feliz.

Mas, naquela madrugada em que o frio enregelava os corpos, ouviu-se um gemido que começou a se estender pela casa.

O neto mais velho, Eduardo, tinha o quarto contíguo ao dele. Ouvindo aquele som estranho, prestou atenção e percebeu que vinha do quarto do avô. Levantou-se rapidamente para verificar e, à medida que se aproximava, mais os gemidos eram ouvidos. Ao entrar, encontrou-o caído ao chão, perto do leito.

Aturdido como quase sempre acontece nessas ocasiões, tentou colocá-lo de volta no leito, mas não conseguiu. Saiu correndo e, batendo nas portas dos quartos, alertou os familiares dizendo que o ancião passava mal.

Todos se levantaram e, num instante, estavam ao redor do velho. Com grande esforço, colocaram-no de volta na cama, enquanto Idalina tentava localizar um médico através do telefone.

O velho apenas gemia, e, sem conseguir articular nenhuma palavra, parecia ausente do ambiente que o cercava.

A neta mais jovem, Dulce, postou-se à sua cabeceira e acariciava-lhe os cabelos encanecidos, mas ele não reagia.

Quando o médico chegou, pediu aos familiares que se retirassem e, em presença apenas de Paulo, realizou minucioso exame. Não precisou muito para concluir que ele havia sofrido

um derrame cerebral, e precisava ser transportado imediatamente a um hospital.

Providenciaram uma ambulância e removeram-no, acompanhado pelo filho, pela nora e pelo médico. Exames foram realizados, mas pouco havia a ser feito, apenas aguardar.

Nunca mais o doente pronunciou uma palavra, e, aos poucos, até seus gemidos deixaram de ser ouvidos. Ao cabo de cinco dias, abandonou esta Terra onde muito havia trabalhado, e também sido feliz. Mantivera a prole sempre unida, procurara o conforto para os seus, e encaminhara bem os filhos que eram pessoas de caráter, cada um desempenhando suas atividades junto das famílias que também constituíram.

Com a enfermidade do velho, os familiares se reuniram novamente e eram muitos. Quando o desenlace se deu, todos estavam à sua volta. A sua partida deixou-os tristes, mas agradecidos por tudo o que lhes havia proporcionado, e pelo grande amor que lhes devotara.

Os funerais realizados, a família permaneceu reunida na consternação e na tristeza, e os que residiam fora continuavam em casa de Paulo, ainda de propriedade do pai. Sem ânimo para longas conversas, relembavam algum fato do qual o pai participara, lembraram-se da infância quando ainda tinham a companhia da mãe, e passaram assim o tempo nas ternas recordações que levam a um passado agradável, sem preocupações, no doce aconchego dos pais.

Numa dessas conversas, um dos irmãos perguntou a Paulo se a mansão ainda estava em nome do velho pai.

– Você sabe que sim! Ele nunca quis fazer a partilha em vida, e nós nunca insistimos para não parecer que estávamos agourando a sua partida.

– Agora precisamos providenciar a divisão dos bens. Nós também temos direito! – propôs o que havia perguntado.

– O direito é de todos! – retrucou Paulo. – Todavia, quem esteve à testa dos negócios, fui eu! Sempre tomei conta da indústria e administrei, para papai, seus outros bens.

– Sabemos disso e nunca interferimos, pois tínhamos o nosso quinhão nos lucros. Mas agora é chegado o momento de cada um ter a sua parte no próprio nome.

– Providenciaremos, mas, se concordarem, gostaria de continuar na administração da indústria e de também permanecer nesta casa. Aqui sempre vivemos, já estamos bem instalados, e uma mudança nos transtornaria muito.

– Quanto a isso, num outro momento nos reuniremos para resolver em acordo com todos. Temos o mesmo direito à herança, ainda que, como diz, você sozinho tenha tomado conta de tudo, até agora.

– Vocês residem fora. Como farão com o que lhes couber? – indagou Idalina que ouvia esta conversa.

– Poderemos vender e transformar em outra propriedade onde moramos! Mas isso fica para depois; o importante é que tenhamos o que é nosso.

– Hoje devemos dar por encerrada esta conversa! – interferiu Paulo. – Vamos descansar, que estamos desgastados pela enfermidade de papai, pelos funerais, e não temos condições de decidir nada! Amanhã, antes de partirem, voltaremos ao assunto.

– Se assim o deseja, – respondeu o irmão – amanhã continuaremos, mas não devemos ir embora sem uma decisão.

– Como o desejarem! As resoluções deverão ser tomadas, e o faremos com a mesma amizade que sempre nos uniu. O que deve ser de cada um o será! Não serei eu que porei empecilho! Amanhã resolveremos! – completou Paulo.

A noite passou, mas Paulo, com a tristeza da perda do pai e as decisões pendentes, pouco descansou. As horas passavam e os pensamentos se sucediam... Não gostaria de ter de deixar a administração da indústria, à qual já estava habituado. Acompanhara o pai desde a conclusão do seu curso de Direito, e sempre estivera junto dele, até que, aos poucos, ele foi deixando as responsabilidades em suas mãos. Com o passar dos anos, comparecia cada vez menos ao trabalho, e, no final de sua vida, visitava a indústria somente

quando Paulo insistia em mostrar-lhe alguma inovação. Acedia à insistência do filho apenas para satisfazer-lhe a vontade, mas, com o avanço de tanta tecnologia, já quase não conhecia a sua velha fábrica.

A noite passou, ainda guardando em si muito do frio hibernal, e, pela manhã, alguns já se encontravam prontos para voltar a seus lares e suas atividades, mas aquela mesma conversa foi retomada.

Como sugestão de Paulo, organizaram uma relação de todos os bens deixados, e posteriormente fariam a avaliação de cada um, para que a partilha fosse a mais equânime possível. No entanto, nada daria direito a Paulo, pelo valor, de ficar com a indústria e a mansão. Eram as propriedades de maior valor.

Um deles, menos ligado a negócios, sugeriu que vendessem tudo e cada um tivesse sua parte em dinheiro. Abismado com tal proposta, Paulo manifestou-se um pouco alterado:

– E a indústria? De onde tiraremos o nosso sustento, após? Vocês também entram na divisão dos lucros mensais e assim cada um recebe a sua parcela! E todo o esforço de papai, onde fica? Não devemos vendê-la, não; encontraremos uma forma que agrade a todos!

Idalina, que participava da reunião, sugeriu-lhes:

– Todos têm, mensalmente, parte nos rendimentos, tanto da indústria como das propriedades. Por que ter de decidir assim, tão repentinamente? Por que não continuar como está, por mais algum tempo, até pensarem na melhor solução? Vocês não estão em prejuízo, nem Paulo quer lesar ninguém, mas não tomem decisões precipitadas! Deixem o tempo passar que resoluções melhores virão!

– Insisto, Idalina, para não ter que retornar! Não me é fácil deixar as obrigações e sempre estar aqui. Sabe que não moramos no país! – justificou aquele que primeiro levantara a questão.

– Compreendo, mas por que resolver tão apressadamente? Vocês têm o suficiente para continuar a viver com o mesmo conforto que tiveram até aqui!

– Idalina tem razão! – concordou uma das irmãs de Paulo. –

Deixemos o tempo passar e resolveremos com calma! Pensemos agora em papai, com respeito e saudade! Os bens que nos deixou, não sejam a causa da desunião e do desentendimento entre nós! Se ele aqui pudesse estar, com certeza ficaria triste conosco. Lembrem-se de que poderia ter feito a divisão em vida, mas nunca o quis. Respeitemos, pelo menos, a sua partida tão recente! Esperemos por melhores soluções, sem pressa e sem atropelarmos Paulo. Se sempre confiamos nele, por que não estender essa confiança por mais um tempo?

Suas palavras, tranquilas, mas enérgicas, calaram a todos que, ao final, concordaram com ela.

Paulo ficou mais sereno e acrescentou:

– Tudo o que puder ser feito, mesmo que aqui não estejam, ser-lhes-á comunicado! Sabem que não poderei tomar decisões sozinho. O tempo nos trará soluções.

Assim resolvido, cada um voltou para as suas atividades, deixando a velha mansão, restando ali, novamente, Paulo, Idalina e seus cinco filhos. Sem a presença constante do velho avô entre eles, parecia que todos os espaços da casa estavam agora vazios.